



Há 40 anos, Diretas Já mobilizou sociedade civil em Ponta Grossa-PR: cobertura dos atos da campanha pelo *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*¹

Sérgio Luiz GADINI²
Maria Victória KLOSIENSKI³

Resumo:

O presente texto recupera componentes da mídia impressa local da cidade de Ponta Grossa-PR, para destacar e discutir a memória histórica de um dos marcos pela luta democrática realizada no Brasil, nos anos finais da ditadura militar, a campanha Diretas Já. Para tanto, o artigo apresenta reflexões sobre memória e história, por meio da discussão bibliográfica, a fim de demonstrar a interação entre esses elementos na construção de narrativas históricas. A pesquisa enfatiza o primeiro ato da campanha no Paraná, em 9 de dezembro de 1983, em Ponta Grossa, e examina a cobertura nos jornais *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*, no sentido de verificar o espaço que as notícias referentes aos atos ocuparam nesses veículos. Por meio do resgate de discursos e representações que circularam na mídia impressa, este estudo visa a explorar a intersecção entre jornalismo e memória histórica, onde as narrativas midiáticas se unem aos lugares de memória, influenciando a percepção coletiva dos eventos históricos e contribuindo para a construção da consciência histórica.

Palavras-chave: Diretas Já; cobertura midiática; *Diário dos Campos*; *Jornal da Manhã*; Ponta Grossa-PR.

Fourty years ago, Diretas Já mobilized the civil society in Ponta Grossa-PR: coverage of the campaign by *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*

Abstract:

This article examines components of the local print media in Ponta Grossa-PR, in order to highlight and discuss the historical memory of one of the key milestones in Brazil's democratic struggle during the final years of the military dictatorship: the Diretas Já campaign. The study presents reflections on memory and history through bibliographic discussion to demonstrate the interaction between these elements in constructing historical narratives. The research emphasizes the first act of the campaign in Paraná on December 9, 1983, in Ponta Grossa, and examines its coverage in the *Diário dos Campos* and *Jornal da Manhã* newspapers. By analyzing the

¹ Trabalho realizado junto ao Grupo de Estudos Combate à Desinformação em parceria com programa extensionista Universidade Sem Fronteiras (USF), com apoio de edital público pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI/USF) do Estado do Paraná. Agradecimentos ao mestre Wilton Paz, pela contribuição na coleta de dados junto ao acervo impresso dos diários de Ponta Grossa-PR.

² Jornalista e professor associado concursado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). *E-mail:* slgadini@uepg.br.

³ Historiadora e professora de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integra o Grupo de Estudos Combate à Desinformação, como bolsista recém-graduada pelo programa Universidade Sem Fronteiras. *E-mail:* kllosienski@gmail.com.





discourses and representations that circulated in the print media, this study explores the intersection between journalism and historical memory, showing how media narratives merge with memory sites, influencing collective perceptions of historical events and contributing to the construction of historical consciousness.

Keywords: Diretas Já; media coverage; *Diário dos Campos*; *Jornal da Manhã*; Ponta Grossa-PR.

Hace 40 años, Diretas Já movilizó a la sociedad civil en Ponta Grossa-PR: cobertura de los eventos de la campaña por *Diário dos Campos* y *Jornal da Manhã*

Resumen:

Este artículo examina componentes de los medios impresos locales en Ponta Grossa-PR, para resaltar y discutir la memoria histórica de uno de los hechos en la lucha democrática de Brasil durante los años finales de la dictadura militar: la campaña Diretas Já. El estudio presenta reflexiones sobre memoria e historia a través de una discusión bibliográfica para demostrar la interacción entre estos elementos en la construcción de narrativas históricas. La investigación enfatiza el primer acto de la campaña en Paraná, el 9 de diciembre de 1983, en Ponta Grossa, y examina su cobertura en los periódicos *Diário dos Campos* y *Jornal da Manhã*. Al analizar los discursos y representaciones que circularon en los medios impresos, este estudio explora la intersección entre periodismo y memoria histórica, mostrando cómo las narrativas mediáticas se fusionan con los lugares de memoria, influyendo en las percepciones colectivas de los eventos históricos y contribuyendo a la construcción de la conciencia histórica.

Palabras clave: Diretas Já; cobertura mediática; *Diário dos Campos*; *Jornal da Manhã*; Ponta Grossa-PR.

Introdução

A campanha Diretas Já foi um momento crucial na história política do Brasil. Não se tratava apenas de exigir eleições diretas para presidente, mas também de expressar um forte desejo por democracia e maior participação popular. Este artigo propõe-se a explorar a memória histórica desse período crucial a partir da mídia⁴ impressa local da cidade de Ponta Grossa, no Paraná.

Para entender o cenário político e cultural em Ponta Grossa, vale lembrar que o município registrava uma população estimada em 170 mil habitantes no início da década de 1980 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1983.). Então maior cidade dos Campos

⁴ Compreende-se por mídia, aqui na abordagem do texto, o conjunto dos veículos de comunicação de uma determinada região, estado ou país. Ao especificar, mídia impressa o texto remete, em particular, aos dois diários com circulação impressa editados na Cidade de Ponta Grossa-PR, por ocasião do tempo pautado no estudo (início dos anos 1980).



Gerais do Paraná, Ponta Grossa concentrava, já na época, a sede regional de diversos setores da administração pública estadual, contava com uma universidade pública (a Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG), sede de entidades sindicais de diversos setores dos trabalhadores organizados, dentre outras entidades e espaços que, em tempos de ditadura, também registravam acompanhamento sistemático por parte dos órgãos de repressão. Pela própria concentração populacional, mantinha moradores com interesse no avanço da organização popular pela campanha por eleições diretas, após quase duas décadas de ditadura militar. A mídia impressa local desempenhou um papel importante na cobertura dos eventos da campanha Diretas Já, com os periódicos *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã* sendo fontes de informação e formação de opinião pública na cidade e região dos Campos Gerais do Paraná.

Ao resgatar discursos e representações veiculados na mídia impressa da época, este estudo examina a interação entre jornalismo e memória histórica, destacando como as narrativas midiáticas moldam a percepção coletiva dos eventos históricos e influenciam a construção da consciência histórica nacional.

Para explorar essas dimensões a partir da mídia impressa local de Ponta Grossa, o estudo baseia-se na análise documental dos impressos e na análise bibliográfica de autores como Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1989) e Pierre Nora (1993). Esses estudiosos fornecem fundamentos teóricos essenciais para compreender a dinâmica complexa da memória, da(s) identidade(s) e dos lugares de memória.

Apesar das restrições e da perseguição, a mídia durante a ditadura militar também atuou como um importante “lugar de memória”. Mesmo com uma cobertura relativamente modesta, os jornais locais influenciam a percepção coletiva e atribuem significados. Os jornais impressos não só registraram os acontecimentos da campanha Diretas Já, mas também preservaram narrativas que hoje são fundamentais para compreendermos esse período histórico.

Memória e história

Ao falar de memória, é preciso situar um debate historiográfico iniciado no século XX, na tentativa de se reconhecer outros meios de se “fazer história”. A partir da Escola dos Annales, na França, foram desenvolvidas discussões sobre produções historiográficas que considerassem as fontes para além dos documentos (Karnal; Tatsch, 2009). Esse movimento enfatizou a

importância de reconhecer a interdisciplinaridade histórica, debatendo o caráter científico da história acadêmica e introduzindo novas abordagens e métodos.

A história social e cultural emergiu como uma nova abordagem dentro dessa corrente historiográfica, oferecendo uma visão mais inclusiva da experiência humana, que considera as percepções da realidade e seus contextos históricos como fontes legítimas de investigação (Barros, 2005). Isso se manifesta por meio da evocação da memória, que desempenha um papel crucial na reconstrução de determinados espaços e tempos, no intuito de compreender as estruturas sociais coletivas.

Halbwachs (2006), a partir de 1920, teceu ideias fundamentais sobre a coletividade desse fenômeno. No livro *Memória Coletiva*, o autor demonstra que a memória é construída socialmente, sendo resultado de tudo aquilo que cerca a experiência humana de um indivíduo. A memória, portanto, não seria um fenômeno individual, mas, sim, um processo coletivo, moldado e influenciado pelos contextos e grupos nos quais o indivíduo está inserido.

O sociólogo Pollak (1989), relacionou o fenômeno da memória com o fenômeno da identidade. Segundo o autor, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” (Pollak, 1989, p. 5). Essa interação revela que a percepção sobre si mesmo e de pertencimento a um grupo é formada a partir da memória coletiva. As narrativas dessa memória, permeadas por elementos pessoais, sociais e políticos, contribuem para a formação da identidade e suas representações. Delgado (2003, p. 21) afirma:

As narrativas [...] são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo.

De acordo com Barbosa (2007, p. 17), “a história sempre será uma narrativa”. Essas narrativas não são reduzidas a eventos cronológicos, mas são interpretações do passado, contextualizadas e moldadas pela memória coletiva. Portanto, ao reconhecer que a história (oral) é uma narrativa, reconhece-se também a natureza interpretativa e discursiva, aproximando-a das teorias jornalísticas.

Ao analisar a prática jornalística, percebemos que os jornalistas desempenham um papel fundamental na construção e difusão de narrativas que moldam a memória coletiva. Huysen,

Moreira e Moreno (2004, p. 103) destacam que o jornalismo, de modo particular o investigativo, “é essencial para a construção pública de discursos de memória nacional [...] Por isso é que ele precisa ser complementado pelo trabalho historiográfico”.

Ao considerar esses diferentes elementos em conjunto, pode-se explorar a dinâmica entre mídia, memória e identidade, especialmente ao explorar a relação entre jornalismo e lugares de memória (Maduell, 2015). O conceito de “lugar de memória” foi apresentado por Pierre Nora em 1993 e diz respeito a espaços físicos, objetos e práticas que guardam a memória coletiva de uma sociedade. A eles cabe o papel de preservar e evocar a memória, por meio de representações materiais e simbólicas do passado, da produção de conhecimento e da identidade.

Nora (1993, p. 14) destaca a emergência dos lugares de memória como um resultado da transição da história-memória para a história crítica: “Menos a memória é vivida no interior, mais ela tem a necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através dela”. Para o autor, a transição foi potencializada pela mundialização, democratização, massificação e mediatização, que causou a aceleração da história.

A mídia, nesse sentido, contribuiu para o desaparecimento da memória íntima. Apesar de, para alguns autores, parecer contraditório atribuir à mídia, então, o papel de lugar de memória, uma vez que seriam “espécies de alagozes desse suposto declínio da memória” (Lage, 2013, p. 2), pensaremos na mídia como lugar de memória que cumpre essa função ao “bloquear o trabalho do esquecimento” (Nora, 1993, p. 22), que assume os sentidos material, funcional e simbólico descritos pelo autor.

No âmbito da produção jornalística, Maduell (2015, p. 31) posiciona a mídia, no meio impresso, como “espaço de articulação de uma memória coletiva, social e profissional, de determinados grupos”. Nesse sentido, segundo a autora, o processo de globalização reorganiza as comunidades e cria uma crise das identidades.

A preservação e o registro da memória coletiva, assim como a luta contra o esquecimento, são pontos nos quais a narrativa e a produção jornalística convergem. Pensando a partir da problemática dos lugares de memória, não reduzimos a mídia como “uma espécie de repositórios de memória” (Lage, 2013, p. 2), mas como o lugar de memória que, na sociedade atual, transmite orientação e representações.

Portanto, é oportuno reconhecer a mídia, e a produção jornalística de modo particular, como um lugar dinâmico de memória, onde as narrativas são construídas, ressignificadas e enquadradas. Na sociedade contemporânea, a crescente oferta de dispositivos informacionais aumenta as relações de proximidade com as produções midiáticas e culturais, incorporam-se inconscientemente normas culturais e memórias compartilhadas pelos meios de comunicação, transformando-as em parte integrante das identidades e experiências coletivas.

Lage (2013, p. 6) fala do dever de memória do jornalismo e o estabelece como “uma imposição como obrigação, imperativo, estabelecendo um laço estreito com a justiça enquanto sentimento de dever a outros”, explica. Associado ao “dever de memória”, o jornalismo age no sentido de lutar contra o esquecimento.

A ditadura militar e o(s) silenciamento(s)

A ditadura militar brasileira não foi um fenômeno isolado. Rêgo (2014, p. 21) aponta que o regime foi um resultado de “um complexo panorama geopolítico mundial”, advindo da dicotomia sistêmica capitalismo-socialismo da Guerra Fria. Como destaca Gesteira (2014, p. 4),

[...] com o crescente levante de grupos revolucionários socialistas na América do Sul, a abordagem estadunidense a uma possível ascensão do socialismo no continente foi redirecionada [...] a uma política de sabotagem a governos de aspiração socialista e o patrocínio a golpes de estado, que levariam ao poder em boa parte das nações sul-americanas, militares de direita, [...] e que se comprometessem sobretudo ao combate incondicional à ameaça que o socialismo lhes representava naquele período.

Na política brasileira, o posicionamento do então presidente da República, Jânio Quadros, de condecorar o líder revolucionário cubano Che Guevara com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul não agradou aos conservadores. Apesar de se esforçar na tentativa de justificar seus posicionamentos vistos como “comunistas” para as Forças Armadas, Jânio Quadros renunciou ao cargo. Quem assumiu a presidência da República foi o vice, João Goulart.

Goulart assumiu uma postura ainda mais “comunista”, sob visão conservadora das Forças Armadas. Ele falava em um programa reformista que incluía políticas públicas de nacionalização e regulamentação do capital estrangeiro no país. Além disso, “João Goulart impunha a seus discursos um tom nacionalista e claramente antiamericano, ao tempo em que

se posicionava contra a elite e as Forças Armadas” (Rêgo, 2014, p. 21). Essas medidas e atitudes foram vistas como ameaças à ordem. João Goulart tornou-se alvo da oposição por parte da elite política e dos militares, que buscavam motivos para legitimar um golpe de Estado.

O golpe militar foi efetivado contra João Goulart em 31 de março de 1964. O ato foi apoiado por setores civis da sociedade, incluindo empresários e até mesmo os próprios governadores dos estados. Com o forte apoio da classe média, os militares estruturaram o golpe “em nome da democracia”, contra o avanço do comunismo. Iniciou-se o período da ditadura militar no Brasil, que viria a perdurar até 1985, caracterizado como um regime autoritário e centralista Araujo, Silva e Santos (2013).

Com pouco mais de duas décadas de duração, a ditadura militar brasileira foi marcada por uma forte repressão e por práticas que feriam duramente os direitos humanos (Gesteira, 2014), que circulavam entre tortura, censura, desaparecimentos, execuções, entre tantas outras. Houve, no entanto, um período em que a repressão e as violências foram acentuadas, conhecido como “anos de chumbo”.

Além da violência física, vale ressaltar o controle sobre a esfera cultural. Segundo Araujo, Silva e Santos (2013, p. 35), durante os “anos de chumbo” o governo reprimiu “meios como o teatro, as artes plásticas, a música, a literatura e o cinema” na tentativa de frear a arte, que era “compreendida como uma forma de propaganda política”, pois pautavam-se pelas expressões artísticas os “problemas sociais brasileiros, propagava-se a ideia de liberdade [...], debatiam-se as propostas de luta política das esquerdas do país e, ainda, criticava-se e combatia-se a ditadura”.

Com a promulgação do Ato Institucional nº 5, em 1968, o regime silenciou ainda mais a população, que já sequer tinha voz. Ansara (2005, p. 154) explica que, a partir dele, proibiu-se “qualquer tipo de protesto ou mobilização social” e que “submetia a imprensa à mais rigorosa censura, impedindo a livre informação”, ao utilizar a censura como um instrumento para controlar o fluxo e o conteúdo das informações, coibindo manifestações contrárias ao governo e permitindo que os militares tivessem domínio sobre o que era publicado no país.

O aparato do silêncio – ou melhor, silenciamento – ocorrido na ditadura militar no Brasil perdurou durante muitos anos. O silêncio forçado, da mídia e da população, culminou em muitos assassinatos, desaparecimentos e prisões. Rêgo (2014, p. 22) resume:

[...] a cooptação dos grupos de mídia e a instituição da censura no jornalismo e nas manifestações artísticas, assim como a intervenção estatal na condução da educação com a criação de novas disciplinas que tinham como objetivo desenvolver uma educação cívica nos moldes conservadores objetivando formar nos futuros cidadãos um pensamento em que o conservadorismo preponderasse.

Em resposta às diferentes violências da ditadura, surgiram muitos movimentos de oposição ao regime e de luta pela restauração da democracia e dos direitos civis. Ansara (2005, p. 172) expõe:

[...] ao longo de toda a ditadura não faltaram as manifestações de resistência ao regime militar. A prova maior disso foi o próprio número de presos políticos, mortos e desaparecidos políticos naquele período e a perseguição que sofreram muitos militantes de movimentos sociais, sindicais, visto que a qualquer ação considerada suspeita o governo respondia com a violência, a perseguição e a morte. [...] os movimentos contrários ao regime não ficaram parados, pois seguiram suas lutas na clandestinidade.

No período final da ditadura, já iniciado o processo de redemocratização, os movimentos sociais prestaram um papel fundamental nos debates sobre o resgate do exercício da cidadania. Segundo Ansara (2005, p. 159), “pouco a pouco, o governo militar foi enfraquecendo em função da intensa pressão dos movimentos sociais contra a ditadura e da situação econômica que se agravava”.

Uma manifestação que ganhou destaque no processo de redemocratização por meio da participação popular foi a campanha pelo direito às eleições diretas para presidente da República. A população organizou comícios espalhados pelo país inteiro. Essas manifestações ficaram conhecidas como a campanha Diretas Já e se tornaram um símbolo na luta pela redemocratização do Brasil.

Além do caráter objetivo de se restabelecer todos os direitos que haviam sido suprimidos, da possibilidade de eleições diretas e da eliminação da força e do medo, está presente o caráter de vitória e de esperança num regime democrático que coincide com toda a mobilização em torno das Diretas Já (Ansara, 2005, p. 228).

Após quase duas décadas de ditadura, milhões de brasileiros se mobilizaram para reivindicar eleições diretas e democráticas para presidente da República. A campanha iniciou no início da década de 1980 e, no dia 25 de abril de 1984, a Câmara Federal votaria pela Emenda Dante de Oliveira (deputado do PMDB-MT), refletindo as esperanças da sociedade brasileira

de eleger democraticamente o próximo presidente, ato impossibilitado durante o regime ditatorial (Delgado, 2007).

A produção jornalística como recurso contra o esquecimento: narrativas locais sobre as Diretas Já!

Considera-se, assim, o jornalismo como um lugar de memória que estrutura e guarda memórias sociais. Lugar esse onde narrativas são construídas, ressignificadas e enquadradas. Segundo Rêgo (2014, p. 25), é importante reconhecer que “o jornalismo guarda muito mais do que os acontecimentos singulares, guarda diversos pontos de vista sobre esses acontecimentos”. Em outros termos, equivale dizer que a produção jornalística também opera como dispositivo de memória coletiva no espaço social onde circula.

Em virtude dos 60 anos do golpe civil-militar no Brasil, foram realizadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa diversas entrevistas e atividades com pessoas que participaram ativamente de manifestações políticas durante o período. E, assim, para compor o mosaico do jornalismo como lugar de memória que constrói, enquadra e articula narrativas, discute-se a cobertura dos diários locais aos eventos da campanha Diretas Já em Ponta Grossa (PR).

Em um estudo similar, Gruszynski e Strelow⁵ (2014) analisaram o comício das Diretas Já em Porto Alegre (RS), a partir da cobertura do jornal *Zero Hora*, escolhendo edições, próximas ao evento, que efetivamente pautaram a manifestação popular na capital gaúcha. Apresentado como uma análise de conteúdo, que considera conceitos de Bardin (1977), as autoras tomaram por base o que consideram como “um sistema de convenções próprio do campo do jornalismo” (Gruszynski; Strelow, 2014, p. 32). Analisaram, assim, a presença do assunto como pauta nas capas das principais edições em que o diário regional noticiou a campanha pelas Diretas Já, a partir da agenda do comício, realizado em 13 de abril de 1984. O evento reuniu cerca de 200 mil pessoas, conforme a organização, e 60 mil participantes, de acordo com a Brigada Militar do RS.

⁵A referência ao texto citado aqui busca, apenas, indicar uma referência de recorte de tempo para fins metodológicos de análise, considerando que as autoras do texto citado também abordam a campanha pelas Diretas Já, a partir de diários impressos, ainda que em outra cidade da região Sul do Brasil.

A análise apresentada neste texto envolve um período que compreende a realização dos dois eventos realizados em Ponta Grossa pela campanha Diretas Já (em nove de dezembro de 1983 e em 29 de março de 1984) nos dois diários impressos que circulavam na Cidade – *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*. Foram selecionadas apenas as edições dos dois dias que antecedem tais eventos e os dias posteriores, destacando como objeto empírico somente as matérias efetivamente veiculadas com chamadas de capa nos diários.

Um rápido “passeio” visual pelas páginas dos dois principais diários impressos que circulavam em Ponta Grossa, no início da década de 1980, revela que a presença das vozes oficiais governistas – em níveis local, estadual e nacional – encontravam fácil acesso e circulavam com relativa facilidade nos espaços de comunicação de abrangência local e regional na maior cidade dos Campos Gerais do Paraná, na época com cerca de 184 mil habitantes.

O *Diário dos Campos* (DC) e o *Jornal da Manhã* (JM), ambos com impressão em preto e branco, contavam com pouca estrutura profissional, sendo que, até o final da referida década, não havia curso de Comunicação-Jornalismo na região. O curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) só começou a funcionar em agosto de 1986 e formou a primeira turma no segundo semestre de 1989.

A análise realizada indica que, além das matérias que chegavam prontas via agência de notícias, as páginas dos diários locais publicavam matérias do governo estadual, assembleia legislativa e prefeituras dos municípios dos Campos Gerais, na maioria das vezes por falas de gestores políticos, como deputados, prefeitos e alguns vereadores mais atuantes. Constata-se ainda a pouca (e rara) presença de vozes não oficiais como fontes noticiosas. E, nas poucas situações em que apareceram, a citação foi apenas nominal e indireta, pela informação da reportagem.

A lógica é recorrente e as estratégias registradas em Ponta Grossa não são diferentes das encontradas em cidades médias, onde circulam periódicos impressos. Tais estratégias são adotadas por alguns grupos ou pessoas que buscam os jornais para divulgar ações pontuais. No geral, praticamente não há interação ativa e as vozes oficiais presentes diariamente nas páginas dos impressos ganham, por consequência, mais força, mesmo quando reproduzidas sem muita explicação, diretamente de Brasília-DF ou de Curitiba-PR.

No período analisado para o presente artigo – final de 1983 e início de 1984, quando avança a defesa por eleições diretas para presidente em todo o Brasil –, o então presidente nacional, último general nomeado pelos próprios militares de forma indireta, João Batista Figueiredo – oficialmente pelo Partido Democrático Social (PDS), herdeiro direto da Aliança Renovadora Nacional (Arena) é figura presente nas páginas do DC e do JM. Além dele, integrantes do governo e aliados entram com frequência, como mostram algumas imagens de matérias reproduzidas pela edição dos diários locais.

Oportuno situar que um pré-levantamento das edições publicadas pelos dois diários nos meses de dezembro de 1983 e janeiro, fevereiro e março de 1984 revelou que apenas nos dias anteriores e posteriores aos dois eventos locais/regionais da campanha Diretas Já em PG (realizados em nove de dezembro de 1983 e 29 de março de 1984) registram materiais de produção local, em forma de notas, chamadas ou matérias com entrevistas. E, assim, o recorte para análise pontual destaca as matérias publicadas no período citado para melhor avaliar a cobertura editorial dos respectivos diários impressos.

Essa dinâmica é ainda mais evidente quando se observa a mobilização que antecedeu o primeiro ato pelas Diretas Já em Ponta Grossa. Nos dias que antecedem o nove de dezembro de 1983, integrantes do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no Paraná e em Ponta Grossa visitam os diários locais para divulgar o evento “suprapartidário” pelas Diretas Já na cidade. O ato foi marcado para a praça Barão do Rio Branco, centro de Ponta Grossa. No domingo, quatro de dezembro de 1983, o DC veicula nota em rodapé da capa da edição sobre lançamento da campanha por eleições diretas: “Ponta Grossa pelas diretas”, informa, em nota sem imagem (Figura 1).

Figura 1 – Nota de rodapé “Ponta Grossa pelas diretas” no *Diário dos Campos*



Fonte: reprodução - *Diário dos Campos*, edição dominical em 04 dez. 1983, p. 01.

“O movimento de caráter regional terá o apoio de vários diretórios municipais do PMDB, pertencentes à região dos Campos Gerais, com o objetivo de somar às forças nacionais, para o urgente restabelecimento da democracia plena em nosso país” (Ponta Grossa [...], 04 dez. 1983, p. 01), conclui a breve nota informativa, com indicação narrativa de que se trata de um texto originado de assessoria (parlamentar ou de outro integrante do movimento local).

Já na edição de oito de dezembro de 1983, o *Diário dos Campos* publica nota de capa sobre primeiro ato pelas diretas em Ponta Grossa. “PMDB convoca o povo”, diz a chamada sem imagem. “Contando com a presença das mais vivas expressões políticas da cidade e do estado, acontecerá amanhã a primeira manifestação em prol das eleições diretas do interior do Brasil” (PMDB convoca [...], 08 dez. 1983, p. 01), informa a nota. Mesmo sem condições de confirmar a afirmação de que, efetivamente, Ponta Grossa sedia o primeiro ato da campanha no interior do país, destaque-se que a iniciativa entrou na pauta dos dois diários locais: o DC e o JM. “O encontro pelas diretas está atraindo o interesse em todo o Paraná por ser uma iniciativa pioneira à nível do diretório municipal. O local, a praça Barão do Rio Branco, deverá exceder o contingente humano de quatro mil pessoas conforme a expectativa dos organizadores” (PMDB convoca [...], 08 dez. 1983, p. 01), segue a nota publicada.

Figura 2 – Nota de capa “Concentração pelas diretas vai ter lugar hoje”, no *Diário dos Campos*



Fonte: reprodução - *Diário dos Campos*, 09 dez. 1983, p. 01.

A edição do DC no dia do evento veicula nota de capa, sem imagem, com nova chamada ao ato, previsto para o final da tarde da sexta-feira, nove de dezembro de 1983, no Centro de Ponta Grossa. “Concentração pelas diretas vai ter lugar hoje” (Figura 2), diz a nota, que destaca presenças confirmadas para o evento.

Está prevista, pelos que organizaram este evento, uma grande concentração popular na praça Barão do Rio Branco, sendo o horário marcado para às 20 horas. Esta iniciativa é a primeira, em termos de interior do País, do gênero e o prestigiamento de lideranças à nível nacional, caso do geral do partido, Afonso Camargo, do estado, o presidente do partido, senador Álvaro Dias, e local, o prefeito Otto Cunha, são fatores que deverão trazer grande motivação e presença nesta noite (Concentração [...], 09 dez. 1983, p. 01).

O *Jornal da Manhã* também abre espaço para divulgação ao primeiro ato estadual e considerado inaugural do movimento no interior do Brasil, agendado para 20h da sexta-feira, 09 de dezembro de 1983, no centro de Ponta Grossa. Em manchete, o JM estampa imagem do deputado estadual peemedebista, Djalma de Almeida César, para convocar manifestação (Figura 3).

Figura 3 – Manchete de capa “PMDB promove concentração pelas diretas”, no *Jornal da Manhã*



Fonte: reprodução - *Jornal da Manhã*, 09 dez. 1983, p. 01.

Além dos dias que antecedem o evento, pouco espaço se identifica nas páginas dos jornais da cidade; as fontes também são poucas e as mesmas. Anuncia-se a presença de lideranças políticas, mas praticamente a voz corrente é o então deputado estadual Djalma de

César (PMDB), que é de Ponta Grossa. A imagem ilustrativa também é do deputado. E quem são as fontes da organização? As notas, contudo, geralmente citam as fontes de forma indireta: “conforme os organizadores”, “deputado declarou”, dentre outras indicações.

O pós-evento também registra cobertura modesta pela mídia local, considerando a transferência do ato (agendado para a Praça Barão do Rio Branco) para a Câmara Municipal de Ponta Grossa, como informa nota da edição que circula no dia 10 de dezembro de 1983. “Mais de 300 pessoas compareceram ao ato, superlotando as dependências daquela casa de leis” (Eleição [...], 10 dez. 1983, p. 1), informa a nota da edição (Figura 4).

Figura 4 – Nota “Eleição direta foi o tema”, no *Diário dos Campos*



Fonte: reprodução - *Diário dos Campos*, 10 dez. 1983, p. 1.

Diretas Já em nível estadual, pelas páginas do *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*

Nos diários locais, vemos não só o registro dos eventos das Diretas Já, mas também como o governo exercia forte influência na forma como esses acontecimentos eram retratados para o público. Essa dinâmica mostra a importância dos periódicos como mediadores essenciais de informações em um período de intensa mobilização política e debate democrático no Brasil.

Ao registrar as três décadas do primeiro comício realizado em uma capital estadual pela campanha Diretas Já, o jornalista Luiz Manfredini (2014) destacou que “Curitiba saía na frente”. “Um comício que reuniu mais de 60 mil pessoas no centro de Curitiba dava a largada para o grande movimento das Diretas-Já, torrente de manifestações que levaria milhões às ruas,

desembocaria na candidatura oposicionista de Tancredo”, lembra Manfredini (2014), que atuou como repórter em jornais curitibanos, enfrentando a censura do regime militar.

Na avaliação do jornalista e escritor, hoje aposentado, “Mergulhado na inflação e na recessão econômica, o Brasil assistia ao lento esgotamento da ditadura já a partir do final da década anterior” (Manfredini, 2014). Foi nesse contexto que o regime militar foi derrotado nas eleições de 1974 e a pressão forçou a anistia em 1979, quando exilados políticos voltaram ao país, e em 1982 diversos estados elegeram governadores de oposição: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná, dentre outros. Manfredini (2014) lembra do ato realizado em Ponta Grossa, bem como da concentração organizada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) na capital paulista, em frente ao estádio do Pacaembu, que reuniu cerca de 15 mil pessoas em 27 de novembro de 1983, sob orientação de Ulisses Guimarães (PMDB).

O primeiro comício da campanha por iniciar-se deveria ser impactante. Quem sabe o modesto espaço curitibano fosse mais seguro, valendo-se do prestígio do governador José Richa (pai do atual governador paranaense Beto Richa) e do Prefeito Maurício Fruet (pai do atual prefeito da capital Gustavo Fruet), ambos do PMDB (Manfredini, 2014).

Não é novidade que, no verão, a classe média curitibana desce o litoral paranaense para escapar do calor, o que gerava apreensão quanto ao público pelos organizadores.

A luta pelas Diretas-Já atraía para Curitiba uma constelação de celebridades [...] Isto sem falar em senadores, deputados federais e estaduais e prefeitos. Mais de 60 entidades de classe assinaram conclamação para a luta pelas diretas. Diante do palanque, o povo crescia. Mas foi subitamente, pouco depois das 18h30min, que o calçadão foi tomado. Caravanas do interior e dos bairros de Curitiba, levadas de estudantes e trabalhadores, uma população anônima e silenciosa, mas munida de faixas, placas, camisetas foi ocupando os espaços da Boca Maldita, fazendo antever o sucesso do comício. Então Álvaro Dias foi ao Hotel Del Rey, de onde ligou ao governador José Richa, que estava no Palácio Iguazu com seus convidados (Manfredini, 2014).

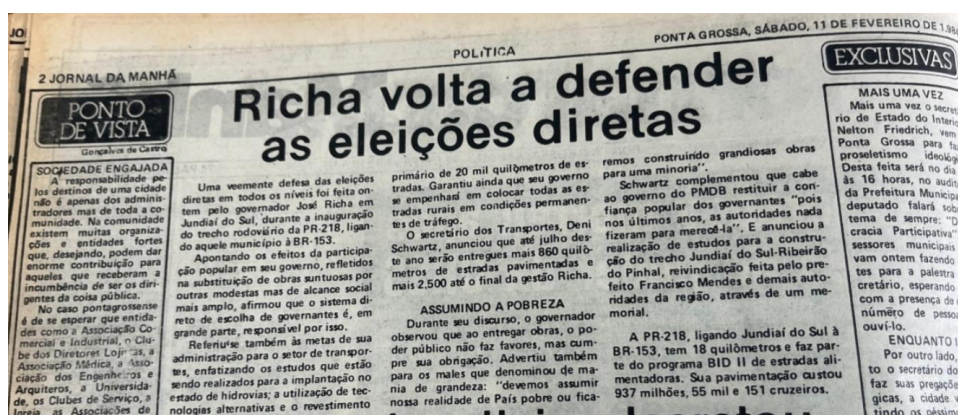
E, assim, o evento reuniu cerca de 60 mil pessoas, no final da tarde de 12 de janeiro de 1984, de acordo com a Polícia Militar do Paraná, conforme relata Luiz Manfredini (2014).

Curitiba parou para o comício-monstro, mancheteavam os jornais do dia seguinte. A cidade dera o pontapé inicial, mostrara que a campanha repercutira na alma do povo. Mas era apenas o começo, pois 17 dias depois, São Paulo também pararia, reunindo 250 mil pessoas na Praça da Sé. [...] No dia seis de abril, novo comício em São Paulo levou 1,3 milhão de pessoas ao vale do Anhangabaú. Quatro dias depois, um milhão na Praça da Candelária, no Rio de Janeiro. Em 17 de abril, outra vez em São Paulo,

quase dois milhões de pessoas no mesmo Anhangabaú, vestidos com camisetas amarelas – cor símbolo do movimento – e trovejando Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o Presidente do Brasil que, ensurdecedor, ecoava pelo resto do país.

Nos jornais *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*, era comum ver notícias sobre líderes políticos importantes como governadores, senadores e deputados, cujas declarações e ações frequentemente dominavam as páginas. Em Ponta Grossa, assim como em outras cidades médias, os periódicos impressos atuavam como canais principais para a divulgação das agendas políticas oficiais.

Figura 5 – Manchete “Richa volta a defender as eleições diretas”, no *Jornal da Manhã*



Fonte: reprodução - *Jornal da Manhã*, 13 fev. 1984, p. 02.

Considerações finais

Na amostra do estudo, o acompanhamento da cobertura dos diários locais buscou verificar qual espaço o “segundo ato” pelas Diretas Já realizado em Ponta Grossa virou notícia. Quem foram as fontes, em fevereiro e março de 1984 no *Diário dos Campos* e no *Jornal da Manhã*, quando se fala no movimento Diretas Já na Cidade? Em boa medida, os diários mantiveram prioridade ao que vem pronto das agências noticiosas, em menor grau entraram representantes políticos estaduais e, por fim, pouco espaço aos atores locais, como mostram algumas capas das edições em meados de fevereiro e março de 1984.

Mesmo com poucas matérias que revelam uma apuração jornalística e as raras produções fotográficas autorais, os textos veiculados pelos dois jornais no período de amostra

deste estudo (dezembro de 1983 a abril de 1984) exercem, pelo prisma da análise, duas funções importantes, que precisam ser destacadas.

A primeira função refere-se ao tempo presente em que circulou – por ocasião do momento em que foram editadas e publicadas – seja como registro factual ou ainda como informação que foi, habitualmente, usada como fonte aos programas radiofônicos de audiência local/regional. E, pois, para além da ação direta junto aos respectivos leitores, os jornais operaram e operam como mecanismos de formação da opinião pública e influência política.

A segunda função das matérias veiculadas pelos diários impressos de Ponta Grossa na ocasião em que ocorria a campanha Diretas Já serve, agora, como registro fundamental para compreender um momento histórico que marcou a passagem e o fim da ditadura militar no Brasil. O debate historiográfico do século XX, inaugurado pela Escola dos Annales, desafiou abordagens tradicionais ao reconhecer fontes além dos documentos. A história social e cultural emergiu desse movimento, enfatizando a importância da memória coletiva na compreensão das estruturas sociais. Além disso, a mídia, especialmente o jornalismo, desempenha um papel crucial na construção e difusão de narrativas que moldam a memória coletiva, servindo como um lugar dinâmico de memória na sociedade contemporânea.

Este estudo demonstrou que, mesmo com uma cobertura relativamente modesta, a mídia local desempenhou um papel significativo na preservação e transmissão da memória histórica. As representações midiáticas, ao se unirem aos lugares de memória, influenciam a percepção coletiva dos eventos históricos e contribuem para a formação da consciência histórica da população. A interação entre memória e história, conforme discutido a partir de abordagens bibliográficas, evidencia como os discursos jornalísticos não apenas registram fatos, mas também interpretam e atribuem significados que perduram ao longo do tempo.

Referências

ANSARA, Soraia. **Memória política da Ditadura Militar e repressão no Brasil: uma abordagem psicopolítica**. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17073>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ARAUJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel da; SANTOS, Desirree dos Reis (org.). **Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/central-de-conteudo_legado1/anistia/anexos/ditadura-militar_-_versao-final.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 15-34.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, José D.' Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. **LPH-Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto**, n. 15, p. 1-23, 2005. Disponível em: <https://cliqueapostilas.com/Content/apostilas/de5ea737dfcf8db76f85920d519e7283.pdf>. Acesso em: 9 abr. de 2024.

CONCENTRAÇÃO pelas diretas vai ter lugar hoje. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, PR, p. 01, 09 dez. 1983.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais [...]**, 2007. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210564_84d38c9cfe41bf5923ff197bcd787740.pdf. Acesso em: 7 abr. de 2024.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, 2003. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ELEIÇÃO direta foi o tema. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, PR, p. 1, 10 dez. 1983.

GESTEIRA, Luiz André Maia Guimarães. A Guerra Fria e as ditaduras militares na América do Sul. **Scientia Plena**, v. 10, n. 12, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scientiaplenua.org.br/sp/article/view/2062>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GRUSZYNSKI, Ana; STRELOW, Aline. Comício pelas Diretas Já em Porto Alegre: a cobertura do jornal *Zero Hora*. *In*: Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS. **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul: uma abordagem histórica**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 31-58.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas.; MOREIRA, Sonia Virgínia ; MORENO, Carlos A. de Carvalho. Mídia e discursos da memória. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2004. DOI: 10.1590/rbcc.v27i1.1060. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1060>. Acesso em: 6 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População: estudo baseado nos censos demográficos de 1940 a 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1983. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1983/populacao_m_1983aeb_024_a_025.pdf. Acesso em: 29 dez. 2024.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-28.

LAGE, Leandro. Jornalismo e o dever de memória. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., Ouro Preto, MG, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/11933668/Jornalismo_e_o_dever_de_mem%C3%B3ria. Acesso em: 9 abr. 2024.

MADUELL, Itala. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4007>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MANFREDINI, Luiz. Diretas Já: há 30 anos, Curitiba saía na frente. Portal **Vermelho**, São Paulo, 11 jan. 2014. Disponível em <https://vermelho.org.br/2014/01/11/diretas-ja-ha-30-anos-curitiba-saia-na-frente/> Acesso em: 20 abr. 2024.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PMDB CONVOCA o povo. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, PR, p. 01, 08 dez. 1983.

PMDB PROMOVE concentração pelas diretas. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, PR, p. 01, 09 dez. 1983.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PONTA GROSSA pelas diretas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, PR, p. 01, 04 dez. 1983.



RÊGO, Ana Regina. A ditadura militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2014.
Disponível em: <http://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4132>. Acesso em: 9 abr. 2024.

Submetido em: 07.05.2024

Aprovado em: 25.07.2024

